

INTERFACES ENTRE TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO MUSICAL E MUSICOTERAPIA

INTERFACES BETWEEN THEORY OF MUSICAL DEVELOPMENT AND MUSIC THERAPY

Daniele Pendeza¹
Graciane Torres de Azevedo²

Resumo - A presente pesquisa, de natureza teórica, teve por objetivo investigar como as teorias do desenvolvimento musical podem contribuir para a Musicoterapia. Para tanto, a pesquisa foi qualitativa, realizada através de revisão narrativa. Foram analisadas as teorias do desenvolvimento musical de Swanwick e Tillman (1986), Bruscia (1999) e Monteiro (2011), ressaltando suas características e interfaces com a Musicoterapia. Conclui-se que as três teorias são de importância fundamental para a prática musicoterapêutica, bem como a necessidade de mais pesquisas na área, que envolvam o desenvolvimento musical em todo o ciclo vital, considerando suas características globais e ecológicas.

Palavras-Chave: desenvolvimento humano, desenvolvimento musical, musicoterapia.

1 Bacharel em Canto (2011) e Licenciada em Música (2015) pela Universidade Federal de Santa Maria; especialista em Psicopedagogia Institucional (2014) pela Universidade Católica Dom Bosco; especialista em educação na perspectiva do ensino estruturado para autistas (2018) pela Faculdade OPET; e especialista em Musicoterapia pela Faculdade de Candeias (2019). Participante do grupo de pesquisa Educação Especial e Autismo (EdEA) da UFSM e mestre em Educação pela UFSM na linha de pesquisa de Educação Especial. Sua atuação profissional e pesquisas envolvem transtornos da fala e do desenvolvimento, especialmente o autismo, intervenção precoce e oncologia pediátrica, atuando nas cidades de Santa Maria e Canoas / RS.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6096753322897146> e-mail: danielependeza@gmail.com

2 Orientadora. Musicoterapeuta, em nível de especialização pela Faculdade de Candeias. Formação em MTFO (Musicoterapia Focal Obstétrica) e na Escala IMCAP-ND, do Dr. John Carpenente. Atua como musicoterapeuta nas áreas do autismo, educação especial e neuroreabilitação. Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Possui pós-graduação em Gestão com ênfase em Orientação e Supervisão. Atualmente trabalha na área educativa, atuando como Supervisora Educacional na Rede de Ensino do município de Balneário Camboriú/SC. Tem experiência na docência da área de História e na Supervisão Educacional, trabalhando na orientação, acompanhamento e formação continuada de professores. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0691567174081441> e-mail: nanytazevedo@hotmail.com

Abstract - The present research, of theoretical nature, aimed to investigate how theories of musical development can contribute to Music Therapy. For this, the research was qualitative, performed through narrative review. The theories of musical development of Swanwick and Tillman (1986), Bruscia (1999) and Monteiro (2011) were analyzed, highlighting their characteristics and interfaces with Music Therapy. It is concluded that the three theories are of fundamental importance for the practice of Music Therapy, as well as the need for more research in the area, involving musical development throughout the life cycle, considering its global and ecological characteristics.

Keywords: human development, musical development, Music Therapy.



MUSICOTERAPIA

Introdução

O estudo da Ciência do Desenvolvimento Humano ainda é recente, sendo que as primeiras pesquisas na área datam da segunda metade do século XIX, ganhando impulso no século XX, sob a nomenclatura de Psicologia do Desenvolvimento. Seu progresso se deu através de diversas vertentes que entendiam o desenvolvimento humano de forma diferente entre si, compartimentalizada e independente das demais áreas do conhecimento. Por exemplo, o comportamentalismo e as teorias de aprendizagem social fazem parte dos modelos mecanicistas, que viam o desenvolvimento como produto do ambiente, e a história do indivíduo era entendida como um acúmulo de aprendizagens. Por outro lado, os modelos organicistas, ilustrados pelas teorias psicanalíticas e também piagetianas, ressaltavam os processos internos do indivíduo, entendendo o desenvolvimento através de estágios pré-definidos e que seriam vivenciados por todos, independente das influências ambientais (ASPESI; DESSEN e CHAGAS, 2008).

As principais técnicas que influenciaram o desenvolvimento desta ciência foram a observação direta do comportamento (seja em ambiente de experimento quanto em ambiente natural), a entrevista e o questionário, direcionados diretamente às crianças e também àqueles que faziam parte do seu convívio, como familiares, cuidadores e professores. Isso à luz de um olhar positivista, que preconizava por ordenar as ciências experimentais através de um estudo preciso, matemático, neutro, objetivo e empírico, considerando-as o modelo por excelência da ciência (ISKANDAR; LEAL, 2002).

Porém, o Positivismo, apesar de ter propiciado crescimento para diversos âmbitos da sociedade, como “contribuições significativas no campo do planejamento escolar, uso da tecnologia, ensino profissionalizante e aplicação do conhecimento científico” (ISKANDAR; LEAL, 2002), também foi responsável por uma visão tecnicista do conhecimento, valorizando apenas sua

aplicabilidade imediata, bem como a fragmentação do ensino ao considerar apenas as ciências exatas e o empirismo como possibilidade de construção de conhecimento.

A partir da segunda metade do século XX o entendimento do desenvolvimento humano através de uma visão transdisciplinar trouxe a perspectiva de que o desenvolvimento não é linear e nem fixo em estágios, mas um processo dinâmico e complexo, que envolve fatores biológicos, culturais e sociais, que interagem entre si, onde o sujeito passa a ser visto como ativo dentro deste processo. Neste período surgem novas abordagens, como as construtivistas, co-construtivistas, sistêmicas, holísticas e das relações sociais, que consideram as influências do contexto e do todo histórico-cultural que envolve o indivíduo. Além disso, passou-se a entender o desenvolvimento humano como algo que transpassa todas as fases da vida, do período pré-natal até a velhice e o fim da vida, e não mais apenas a infância e adolescência. As metodologias de investigação também foram inovadas, pois, devido ao entendimento da complexidade do desenvolvimento humano, estas deveriam ser capazes de se adequar, “propondo estudos sistêmicos, longitudinais, transculturais, transgeracionais e multimetodológicos” (ASPESI; DESSEN e CHAGAS, 2008).

No final do século XX e início do século XXI, surgiram duas vertentes que tem orientado os trabalhos de pesquisa da Ciência do Desenvolvimento Humano de forma complementar. Uma delas é a Teoria do Curso de Vida, que identifica os estágios da vida dos sujeitos, considerando as características temporais, contextuais e processuais pelas quais eles passam. Ou seja, essa teoria considera as interações sujeito-ambiente como bidirecionais na modelação do desenvolvimento do sujeito nas estruturas macro (sociedade como um todo), intermediárias (vizinhança) e do mundo proximal (relações íntimas) que o envolve. Ainda, esta teoria entende o sujeito como ativo em seu desenvolvimento

e capaz de alterá-lo de acordo com as vivências e aprendizagens que vai construindo ao longo de suas interações (SENNA; DESSEN, 2012).

A segunda teoria a ser destacada é o modelo desenvolvido por Urie Bronfenbrenner (1979), intitulado de Modelo Ecológico, posteriormente de chamado de Modelo Bioecológico (1999). Essa perspectiva considera o desenvolvimento um conjunto de processos onde sujeito e ambiente interagem de forma bidirecional, causando mudanças um no outro, de forma cíclica. O autor considera o contexto e as relações proximais que nele se dão, através de quatro elementos básicos e dependentes, sendo o processo (engajamento social), a pessoa (fatores biológicos, genéticos, demandas pessoais, recursos cognitivos e emocionais, diferenças de temperamento, motivação, persistência, etc.) o contexto (microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema) e o tempo (mudanças que acontecem dentro do tempo cronológico) (BRONFENBRENNER, 1996).

Atualmente, o entendimento da Ciência do Desenvolvimento passou a considerar a necessidade da transdisciplinaridade, não podendo mais ser produto exclusivo da Psicologia, para assim poder ter maior amplitude nos processos desenvolvimentais vivenciados pelos sujeitos ao longo de sua vida. Essa nova abordagem também aborda a ciência de forma sistêmica, considerando a racionalidade, empirismo, subjetividade e espiritualidade dos sujeitos. As pesquisas também devem ser multicêntricas, ao envolver diversas populações e faixas etárias, apresentar abordagens multimetodológicas, para serem capazes de abarcar desde aspectos genéticos, culturais, bioquímicos, fisiológicos e interações sociais (DESSEN; JÚNIOR, 2008).

Segundo Sifuentes et al (2007), são necessárias pesquisas que considerem os fatores culturais e transculturais do desenvolvimento humano, pois estes têm papel fundamental no entendimento de influências biológicas, psicológicas, ambientais, históricas e sociais que envolvem o sujeito. Sendo assim, também é necessária a pesquisa e desenvolvimento de teorias que

abarcam o desenvolvimento musical humano, pois segundo Thayer Gaston (APUD Hodges, 2003), “música é, afinal de contas, a forma de comportamento humano que é governada pelas leis e princípios que governam todo o comportamento humano”. Hodges (2003) afirma que todos os seres humanos são equipados para serem musicais, existindo interação e cooperação entre a música e o corpo humano.

A partir desta evolução da Ciência do Desenvolvimento Humano, torna-se imprescindível que o desenvolvimento musical seja foco de estudos e pesquisas, principalmente quando tratamos da saúde dos sujeitos. Neste sentido, a Musicoterapia tem papel fundamental de conhecer e investigar o desenvolvimento musical a fim de aprimorar intervenções, *setting* terapêutico e pesquisas na área. Por tanto, o presente artigo objetiva investigar como as teorias do desenvolvimento musical descritas até então podem contribuir para a Musicoterapia.

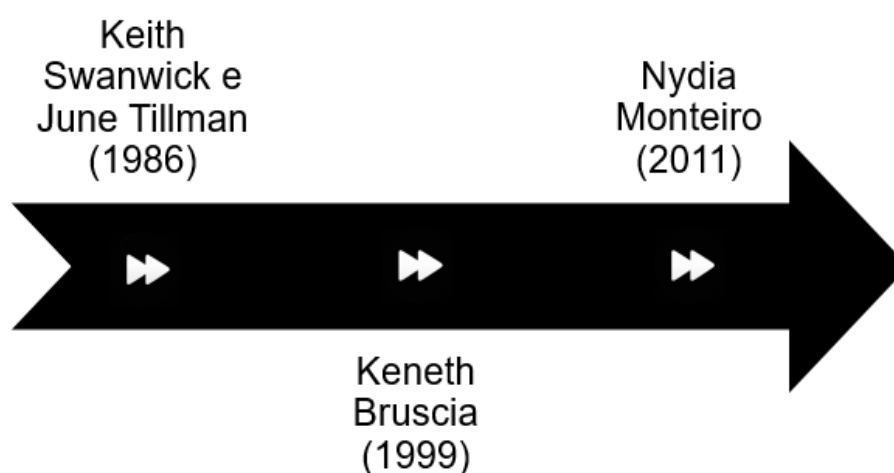
Metodologia

A presente pesquisa é qualitativa, e foi realizada através de revisão narrativa. Esta forma de pesquisa, segundo Rother (2007), é apropriada para descrever e discutir estado da arte de um assunto específico, sendo importante para o leitor adquirir e atualizar seu conhecimento de forma rápida. Essa metodologia permite a construção de análises e interpretações críticas, em busca de compreensão acerca do estado da arte de um determinado assunto, que, no caso deste trabalho, envolve investigar as teorias do desenvolvimento musical descritas até então. As limitações desta metodologia envolvem a impossibilidade de replicação, pois a busca de referenciais não é realizada de forma explícita e sistemática e pode carregar o viés do autor.

Teorias do Desenvolvimento Musical

Serão abordadas três teorias do desenvolvimento musical (Figura 1), organizadas por diferentes autores em diferentes períodos históricos.

Figura 1 - Linha do tempo das Teorias do Desenvolvimento Musical



Primeiramente, será abordada a Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical, descrita por Keith Swanwick e June Tillman no ano de 1986 e aprimorada por Swanwick em seus trabalhos posteriores (1988, 1994). Com treze anos de distância, temos o artigo de Kenneth Bruscia (1999), intitulado *O Desenvolvimento Musical como Fundamentação para a Terapia*, onde o autor aborda as fases do desenvolvimento humano desde o período gestacional até a morte. E, doze anos após a publicação de Bruscia, Nydia Monteiro (2011) publica o *Quadro do desenvolvimento Audiomusicoverbal infantil de zero a cinco anos para a prática de Educação Musical e Musicoterapia*.

Keith Swanwick e June Tillman (1986)

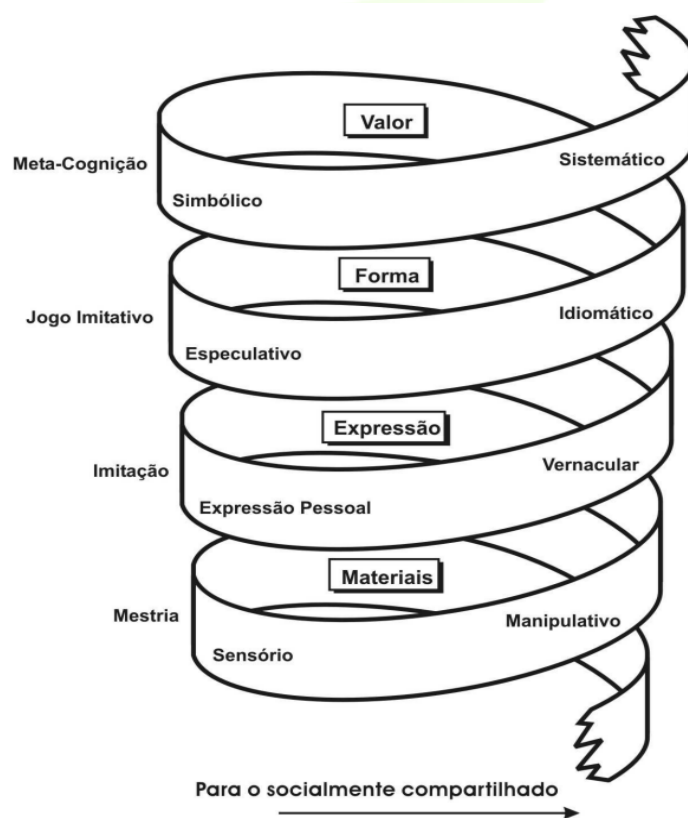
Essa teoria prevê a aprendizagem e desenvolvimento musical através de um modelo em espiral, considerando o desenvolvimento como algo em transformação, que ocorre a partir de interações do sujeito com o ambiente (CAIRNS et al, 1996). A teoria desenvolvida por Swanwick e Tillman foi inspirada a partir de conceitos provenientes da Epistemologia Genética, porém, os autores realizaram interpretações diferentes de alguns conceitos propostos por Piaget, como as concepções sobre a assimilação e a acomodação de novos conhecimentos serem processos separados e manifestos em diferentes momentos do desenvolvimento musical, a imitação se manifestar em um processo intermediário do desenvolvimento e o comportamento musical ser guiado pela intuição. Apesar dessas diferenças, as duas teorias preconizam a importância do fazer para a aprendizagem e desenvolvimento de novas habilidades, através do experimentar e vivenciar com o corpo (CAREGNATO, 2013).

No desenvolvimento da Teoria Espiral, os autores focaram grande parte de sua coleta de dados nas composições musicais realizadas por crianças britânicas com idades entre três e 11 anos. Os dados foram coletados entre os anos de 1981 e 1985, em três escolas de Londres, junto de 48 crianças das mais variadas origens étnicas, suas produções foram gravadas, perfazendo um total de 745 composições. Essas produções foram coletadas nove vezes durante os anos do estudo, a fim de identificar o desenvolvimento musical não apenas entre as idades, mas também de forma longitudinal, considerando a mesma criança ao longo dos anos (SWANWICK, 1991).

Essa foi uma das primeiras tentativas de indicar uma sequência para o desenvolvimento musical baseado em experiências puramente musicais, ao invés de focar apenas em um ou outro parâmetro do som (altura, intensidade e timbre) ou da música (melodia, harmonia e ritmo). Swanwick objetivou descrever

a forma como as pessoas entendem a música dentro de dimensões da crítica musical, dividindo-as em quatro etapas consideradas como estágios cumulativos do desenvolvimento musical, sendo elas Material, Expressão, Forma e Valor (HENTSCHKE; OLIVEIRA, 1999) (Figura 2).

Figura 2 - Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical (Swanwick; Tillman, 1986)



A etapa dos Materiais envolve a exploração sensorial dos sons, através de sua manipulação; a Expressão se caracteriza através de gestos expressivos que surgem de forma espontânea na fase de expressão pessoal e vão se tornando convencionais e comuns ao vernáculo, à expressão social. A Forma se refere à estrutura da música, progredindo para entendimento de estilos

específicos e idiomáticos; e, por fim, o Valor é a fase simbólica do desenvolvimento musical, onde o entendimento progride até um entendimento sistemático do discurso musical.

O Modelo foi representado em forma de espiral, pois, segundo os autores, o desenvolvimento musical se dá de forma cíclica e cumulativa, e apesar de a pesquisa inicial ter sido realizada com crianças, eles afirmam que este desenvolvimento independe da idade do sujeito. O autor ainda traz que o tipo de experiências musicais, educação, ambiente musical e cultural e o desenvolvimento cognitivo são fatores que influenciam no desenvolvimento musical dos sujeitos (SWANWICK, 1994).

Toda vez que alguém é apresentado a um novo material sonoro ou musical, passa por essas etapas do desenvolvimento, mais vagarosa ou rapidamente, dependendo de seu desenvolvimento global. Também entende o processo como cumulativo e pendular, entre as interferências que o individual e o social causam no desenvolvimento, pois a exploração de materiais e do sensorial é individual e exploratória, mas quando estamos em situação de jogo com o outro, as habilidades manipulativas e expressivas vêm a ser socializadoras, no sentido de necessitar trocas no coletivo, onde se realizam habilidades de “repetir, controlar, sincronizar, modificar e equilibrar” os sons (SWANWICK, 1988).

Swanwick (1988) considera que uma das grandes virtudes de sua teoria é o fato de ela ser centrada na criança, considerando sua individualidade e criatividade, encorajando o olhar sobre o que as crianças fazem musicalmente. Essa proposta foi inovadora em seu tempo, pois a experiência musical é usada como fim e não apenas como um meio para alcançar a compreensão dos conceitos musicais.

Neste sentido, essa teoria apresenta aproximações com a prática musicoterapêutica ao considerarmos as experiências que os sujeitos têm no fazer musical, pois quando o terapeuta insere novos elementos sonoros,

musicais, ou mesmo instrumentos, o cliente poderá vivenciar as etapas do desenvolvimento musical, desde a exploração sensorial até o entendimento simbólico do fazer sonoro-musical, podendo, este, ser concomitante com o momento de alta, pois se supõe que haveria abstração e entendimento dos elementos ali expostos.

Outra interface é o foco no fazer musical e na sua experimentação como um todo, além da consideração da individualidade, criatividade e olhar sensível para o fazer musical do cliente. Além disso, o foco de a música ser entendida não apenas como um meio, mas também como um fim do processo, assemelha-se ao que é pretendido pela abordagem músico-centrada.

Kenneth Bruscia (1999)

No artigo intitulado *O Desenvolvimento Musical como Fundamentação para a Terapia*, o autor pretende um trabalho que dá orientações para a terapia, e entende o processo de desenvolvimento humano como sendo algo único, que depende das vivências do sujeito, mas também como detentor de estágios, pelos quais passamos da mesma forma ou similarmente. Influenciado pela teoria psicanalítica, o autor objetiva apresentar o que acontece musicalmente em cada um dos estágios do desenvolvimento da vida, com enfoque no desenvolvimento psicológico, e quais as implicações que estas fases repercutem para a prática musicoterapêutica.

Segundo o autor, conhecer o cliente dentro de seu contexto, bem como suas experiências musicais, é importante em todas as idades, e não apenas na infância, pois assim se pode determinar em qual estágio do desenvolvimento ele se encontra, com relação à sua idade, presença ou não de distúrbios, atrasos ou fixações. Além disso, se um dos estágios do desenvolvimento não é completado de forma satisfatória, os seus motivos envolverão o diagnóstico e prognóstico do

cliente, exigindo uma forma específica de tratamento, personalizada de acordo com suas necessidades.

O autor propõe considerações acerca do desenvolvimento musical desde o período amniótico até o desfecho da vida, dando orientações gerais sobre como se dá o desenvolvimento global, musical, as patologias que podem vir a se desenvolver e orientações para o tratamento musicoterapêutico, conforme apresentado na tabela resumo a seguir (Tabela 1).

Tabela 1 - Resumo Bruscia (1999)

PERÍODO	CARACTERÍSTICAS MUSICAIS, PATOLOGIAS E TRATAMENTO MUSICOTERAPÊUTICO
Amniótico	<p>Sons internos: vibrações; sons do próprio corpo e do corpo da mãe; pulso, vibração e periodicidade vindos através do cordão umbilical.</p> <p>Sons externos: vibrações do líquido amniótico, sentidos ao redor do corpo. Voz e órgãos internos, seus movimentos e do ambiente; alturas graves e agudas são distinguidas como vibrações lentas ou rápidas e induzem sensibilidade ao feto.</p>
Descendo o Canal de Nascimento	<p>Vivencia sons e vibrações separadamente; contrações (pressão x liberação – confinamento x liberdade) e ritmos de respiração.</p> <p>Fora do útero: vozes da mãe e dos envolvidos no nascimento. O elemento musical mais forte é o fraseado.</p>
Nascimento	<p>Respiração própria; grito de raiva e alívio (experiência da separação).</p>
De 0 a 6 meses	<p>Os sons vocais do bebê são resultantes de reflexos, consistindo em gritos, arrulhos e sons orais. Indicam necessidades básicas do bebê.</p> <p>Relação rítmica com a mãe através da sucção. Pode ser acompanhado por canção de ninar ou balanço.</p> <p>Instrumentos musicais não são reconhecidos como objetos, mas como extensões sonoras do seu corpo. São sonorizados através de rotinas de esquemas-motores. Os únicos instrumentos que o bebê pode tocar são aqueles tocados quando segurados, jogados ou sacudidos ao acaso.</p> <p>Habilidades receptivas, respostas reflexas da escuta. Percebem mudanças na altura, ritmo, sequência e suas respostas afetivas à música podem ser inferidas nos níveis de atividade e intensidade de movimentos.</p>

**De 6 a 24
meses**

Patologias: Falha em diferenciar o eu físico.

Tratamento Musicoterapêutico: Estimulação sensorial e estimulação e integração, abordagens fisiológicas de escuta musical, técnicas comportamentais.

Balbucios como jogo vocal. Ao fim do período de balbucio, ele surge na fala e na música, através de expressões vocais curtas e repetitivas. Principal elemento é a altura.

Manipula instrumentos ativamente e descobre que diferentes esquemas motores sensoriais produzem diferentes sons. Exploração do timbre.

Começa a conhecer repertórios e melodias e exhibe movimentos associados a eles. Fascínio pela própria voz. Percebe discrepâncias no timbre, na altura e no volume.

A música age como objeto transicional, algo que lhe assegura que não está sozinha e pode externar seus sentimentos.

Patologias: Falha em diferenciar ou manter os limites emocionais.

Tratamento Musicoterapêutico: Construir estruturas e limites, especialmente aquelas que unem experiências físicas e emocionais. Integrar experiências físicas e emocionais.

De 2 a 7 anos

Usa a voz cantada para conectar sons/palavras e sons/movimentos. Canções mais longas se desenvolvem. Constrói suas próprias canções. Uso da terça menor descendente. Luta para centrar canção dentro da tonalidade.

Os instrumentos ajudam a criança a se expressar, a construir um ritmo básico e introduzem a necessidade de sincronização com o ritmo do outro.

Reconhece um repertório de canções, distingue entre figura-fundo musical (ritmo pulso/melódico) e pode dizer se pares de estímulos musicais são iguais ou diferentes.

Patologias: Psiconeuroses. Sugere-se utilizar terapias que objetivam trazer o material inconsciente para o consciente.

Tratamento Musicoterapêutico: Cantar, tocar, improvisar, compor ou escutar, mas com uma abordagem projetiva, expressando seus conflitos internos.

**De 7 a 12
anos**

Estudo formal de música. Demonstra se tem afinidade especial ou interesse por música. Tentativas de como dominar fisicamente um instrumento e usar notação musical.

Verbalmente canta em contraponto, canta solos enquanto é acompanhada, acompanha outros com ostinatos ou contrapontos e variações, e canta rondó ou cânone.

Entende a conservação dos elementos musicais apesar da mudança ou diferença em outros elementos. Movimenta-se em resposta à música com coerência.

Patologias: Conflitos entre papéis e regras que governam o comportamento de uma pessoa.

Tratamento Musicoterapêutico: Relação entre a música e a realidade, trabalhar o desenvolvimento de sua própria interpretação da

**De 12 a 18
anos**

composição, realizar comparações entre o executante e a execução, o executante e o compositor, o compositor e a composição e a execução e a composição. Ênfase na dinâmica interacional, análise das produções previamente gravadas. Atividades de escuta devem melhorar a acuidade da percepção de elementos e estruturas musicais. Discutir a letra. Exploração da textura (homofonia e polifonia, solo e acompanhamento, líder e seguidor).

Quer se libertar das regras e papéis estabelecidos, sendo a música um caminho. O rock encoraja a síncope e o ritmo atravessado que mina ou destrói o compasso básico e permite ao adolescente se movimentar da segurança do continente do ambiente para uma identidade musical auto definida.

Toda música deve ser forte, já que ele quer ser ouvido e necessita apoio para se engajar nas lutas de poder que deve ganhar contra as figuras de autoridade.

Manifestam suas repressões tanto através da dança quanto da atividade sexual.

Patologias: Identidade da neurose, desordens relacionadas à habilidade de se libertar de papéis sociais e da moralidade convencional.

Tratamento Musicoterapêutico: Em atividades de grupo podem ser livres para quebrar o estabelecido, mas também devem seguir certas regras. Em atividades individuais podem imitar seus ídolos, também podem escrever ou discutir sobre canções. Escutar canções traz consolo, e na improvisação, rap e dança, podem liberar energias reprimidas

**Mais de 18
anos
Estágio da
auto
definição**

Determina qual é o lugar da música em sua vida, e se seguirá música por vocação e ou com propósitos vocacionais. Avalia sua capacidade e execução musicais. Necessidades de apreciação estética, recreação, prazer e suporte psicológico. Personalidade musical.

Tratamento Musicoterapêutico: Trabalhar se a música é uma vocação ou um interesse vocacional, que habilidades e preferências musicas o indivíduo tem, que necessidades estéticas, recreativas ou psicológicas são completadas através da música.

**Estágio da
intimidade**

Abordagem mais aberta em relação à música. Interpretações de composições começam a mesclar sentimentos pessoais e pontos de vista com os do compositor. Improvisações são menos idiossincrásicas, os timbres se mesclam, as melodias são contrapontísticas, as harmonias são variadas, as texturas intrincadamente tecidas, os ritmos são estáveis, mas rubato, e a complexidade prolifera.

Tratamento Musicoterapêutico: O indivíduo ter lições de canto ou de instrumento que tenham na música a sua própria finalidade, mas dentro do contexto de uma relação íntima estudante-professor; atividades de escuta que expandam o ponto de vista de mundo da pessoa; improvisações que explorem a intimidade musical e pessoal em vários

contextos relacionais (díades, família, grupos); composições que sintetizem os sentimentos individuais e grupais.

**A Crise
Existencial
(da meia-
idade)**

Atividades musicais são um empreendimento - não porque a música é um esforço significativo em si mesma - mas porque ela dá alguma coisa para fazer. Ela tem as mesmas funções que o trabalho, esportes, entretenimento ou hobbies. Ela ocupa a mente, e ajuda a passar o tempo e é especialmente útil quando a pessoa necessita extravasar sentimentos de depressão e confusão, e quando as horas de autoquestionamento ou sentimentos de alienação não têm fim.

A expressão musical individual pode parecer inutilmente autocentrada, e as forças de trabalho em conjunto podem não ser percebidas como merecedoras de esforço. Escutar é mais prazeroso quando isto é feito passivamente – sem ter que perceber ou apreciar nada que é suposto ser importante, e sem ter que ligar sentimentos ou imagens à música de uma forma significativamente terrível.

Patologias: Patologias existenciais.

Tratamento Musicoterapêutico: As experiências em Musicoterapia durante este período devem apresentar a música pelo que ela é – nada, mais ou menos significativo do que alguma coisa a mais na vida. Atrair e recomprometer o interesse da pessoa ou provocar os sentidos ou a imaginação de uma nova forma. A relação da pessoa com a música será mais autêntica e autônoma, e a atividade musical se tornará intrinsecamente significativa. A música também possibilitará acesso a novos níveis de interiorização.

**Estágio
Transpes-
soal**

Aproxima-se do sublime, torna-se um continente de todas as formas e experiências de vida. Através da música, nós podemos nos tornar uma totalidade (isto é, mente-corpo-espírito), e nós podemos nos tornar uno com o universo (isto é, com os outros, com a matéria, e com Deus).

Apesar de Bruscia relatar sobre o desenvolvimento ao longo de todo o ciclo vital, o autor não identifica possíveis patologias ou alternativas de tratamento musicoterapêutico para todos os períodos. Do período amniótico até o nascimento, são identificadas apenas características sonoro-musicais que envolvem o feto e o neonato. Após, no período que abrange dos 18 anos até o fim da vida, não são identificadas patologias nos períodos de auto definição e de intimidade, e também não há nem indicação de patologia nem de proposta musicoterapêutica para o estágio transpessoal.

Atualmente, sabe-se que a Musicoterapia focal obstétrica (FEDERICO, 2005) e a Musicoterapia no período neonatal (PALAZZI e NUNES, 2016), têm evidências científicas de efetividade junto aos bebês e também de seus pais (ETTENBERGER, 2017), sendo este um período crítico de cuidados e estimulação precoce e, também, campo de atuação da Musicoterapia. Os cuidados na vida adulta, além da manutenção da saúde, também podem envolver tratamento de transtornos, traumas e doenças, além de cuidados paliativos e humanização do cuidado (SEKI; GALHEIGO, 2010).

Além disso, o autor recorrentemente faz atribuições de estados mentais relacionados com cada fase da vida, identificando estas, muitas vezes, de forma estereotipada, sem considerar influências culturais, sociais e a personalidade individual, ou mesmo sem fazer referência à identidade sonora dos sujeitos. Por exemplo, ao generalizar que o Rock e ritmos pesados fazem parte da adolescência, descarta todos os fatores citados que podem influenciar nas escolhas do adolescente.

Um ponto de certa forma inovador, apresentado por Bruscia, é a consideração ecológica de todas as esferas da vida do sujeito na sua proposta de desenvolvimento musical durante o ciclo vital. O autor traz considerações acerca dos âmbitos físicos, como a exploração de instrumentos musicais e a descoberta sexual; mental, com as patologias e experiências de ruptura entre as transições das fases do ciclo vital; emocional, principalmente ao ressaltar a importância da música em cada fase e espiritual, ao abordar a transcendência no fim da vida.

Nydia Monteiro (2011)

Nydia Monteiro (2011) publicou o *Quadro do desenvolvimento Audiomusicoverbal infantil de zero a cinco anos para a prática de Educação*

Musical e Musicoterapia. Aqui, a autora objetiva desenvolver um quadro referente aos aspectos audiomusicoverbais, que orientem na observação do desenvolvimento de crianças, a fim de identificar e localizar problemas de desenvolvimento a partir da audição, da música e da verbalização, pois considera estas matérias-primas da Musicoterapia. Sua elaboração se deu com base na literatura dos campos da Neurologia, Educação Musical, Musicoterapia e Fonoaudiologia, e suas vivências pessoais sendo, assim, de caráter transdisciplinar. A autora ressalta a importância de se fazer uso de um quadro que oriente a avaliação prognóstica do cliente, o que facilitaria a avaliação, intervenção e o diálogo com os demais profissionais da equipe, pois esta proposta avaliativa também é utilizada em outras áreas, com seus quadros específicos.

As teorias utilizadas na construção do referencial envolvem Swanwick (1988) e, principalmente, Bruscia (1999), que é transversal a todo o trabalho. Além destes, também são citados autores que referenciam a localização da fonte sonora na área da fonoaudiologia e sobre o desenvolvimento verbal nos campos da neurologia, terapia ocupacional, escalas evolutivas de Denver, descrevendo, assim, uma ampla literatura. A revisão teórica traz alguns marcos do desenvolvimento pré-natal, provavelmente para elucidar a ligação dos fetos com os sons e a música. Porém, no seu quadro Audiomusicoverbal, são relatados marcos desenvolvimentais a partir do nascimento.

A aplicação e avaliação do quadro Audiomusicoverbal se deu durante nove meses, no ano de 2010 e seguia sua construção no ano de 2011, data da publicação do artigo. Para tanto, o seu emprego foi feito “com crianças neurotípicas e atípicas em processo normal de educação musical (Musicalização para Bebês – Teresina - PI) e de Musicoterapia no Centro de Reabilitação Física” (Monteiro, 2011) também em Teresina. Posteriormente, foi realizado o seu emprego na Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) na cidade de São Paulo e outras unidades no Brasil, todos no setor de Musicoterapia da

instituição. Essa metodologia de aplicação e avaliação é importante na validação do quadro junto de populações de bebês e crianças típicas e atípicas, garantindo sua confiabilidade preliminar. Os dados construídos pela autora são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 - Quadro do desenvolvimento Audiomusicoverbal infantil de zero a cinco anos para a prática de Educação Musical e Musicoterapia (MONTEIRO, N. Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano XIII, n. 11, 2011).

PERÍODO	CARACTERÍSTICAS AUDITIVAS, MUSICAIS E VERBAIS
1 mês / 2 meses	<p>Auditivas: Os recém-nascidos reconhecem vozes familiares ouvidas durante a gestação a partir do 5º mês, principalmente a da mãe. Reconhecem também, melodias ouvidas durante a gravidez da mãe, quase sempre ficando tranquilos. São sensíveis às notas musicais e têm capacidade para reconhecer as dissonâncias e mudanças de tom das melodias.</p> <p>Musicais: Ao ouvir uma música, os bebês já são capazes de identificar o intervalo entre as batidas e o padrão que elas obedecem, criando expectativas quanto ao início de um novo compasso. Segura maracá, chocalho. Percebem sons com rapidez. Acompanham com os olhos os objetos e os sons.</p> <p>Verbais: O choro é sua comunicação. Emite sons como: ah, eh, uh.</p>
3 meses	<p>Auditivas: Reage a barulhos arregalando os olhos. Começa a voltar a cabeça para a fonte sonora.</p> <p>Musicais: Fase do balbucio. Prazer em repetir sons. Intervalo de 3ª menor é emitido (mi a sol 3). Gosta de objetos sonoros e coloridos. Produz ruídos com a garganta e estala o céu da boca As mãos são a descoberta e as mantém abertas, e segura objetos com firmeza. Bate em um móvel e consegue um som ou movimento (relação causa e efeito). (Leva tudo à boca).</p> <p>Verbais: Chora quando é deixado sozinho (sinal de sociabilidade). Sorri em resposta a outro sorriso e a conversas.</p>
6 meses	<p>Auditivas: Localiza sons laterais. Pode discernir vozes amáveis de bravas.</p> <p>Musicais: Brinca com objetos sonoros. Saco de maracás e chocalhos. Responde com prazer a canções curtas interativas sobre esquema corporal. (cabeça, mãos, pés) Emite sons simples.</p> <p>Verbais: Pode balbuciar mama, papa sem associar significado. Lambe, morde, chupa tudo ao seu alcance. Imita expressões. Diverte-se com jogos: "cadê 'nenê'?... Achou!"</p>

9 meses	<p>Auditivas: Localiza sons para o lado e para baixo, indiretamente. Entende algumas palavras como o “não”, seu nome.</p> <p>Musicais: Emite sons semelhantes ao seu meio. Bate palmas, joga beijos, dá tchau. Toca tambor, pandeiro, maracás, chocalhos e outros. Utiliza baquetas com as duas mãos. Polegar e indicador funcionam como pinça para pegar.</p> <p>Verbais: Brinca de soltar brinquedos no chão e espera que peguem de volta. Busca objetos. Fase da lalação: da, nenê. Emite sons semelhantes ao seu meio. Bate palmas, joga beijos, dá tchau.</p>
1 ano	<p>Auditivas: Localiza sons laterais, para baixo e indiretamente, para cima. Entende comandos.</p> <p>Musicais: Grava músicas, e algumas palavras e significados. Canta palavras dos finais de frases. A tessitura de voz pode alcançar cinco sons (dó a sol 3). Gosta de dançar, apertar botões. Gosta de instrumentos de teclado. Pode soprar apitos e flautas.</p> <p>Verbais: Tenta se expressar e aponta. Fala “dá”. Entende conceitos como: “aqui”, “lá”, “dentro”, “fora”, “para cima”, “para baixo”. Ataques de birra. Imita e copia ações e pessoas.</p>
2 anos	<p>Auditivas: Localiza os sons em qualquer ângulo.</p> <p>Musicais: Pode fazer instrumentos musicais simples como maracás. Toca instrumentos de bandinha rítmica e mantém ritmo por imitação. Ex: pandeiro, tambor, castanhola, reco-reco, ganzá, etc. Canta músicas inteiras (dó a lá 3) e repete movimentações.</p> <p>Verbais: Período da justaposição de duas palavras. Gosta de elogios e agradar a adultos. Entende simbolismos. Começo do prazer da socialização. Começa a perceber as regras. Localiza objetos e aponta. Responde a perguntas e conversas.</p>
3 anos	<p>Auditivas: Reconhece timbres variados ainda com imprecisão.</p> <p>Musicais: É ágil, realizando duas atividades ao mesmo tempo. Pula com os dois pés, sobe, corre. Tem habilidade motora para tocar instrumentos musicais melódicos. Relaciona notas musicais, emitindo uma oitava completa (dó3 a dó4) e distingue instrumentos musicais diferentes.</p> <p>Verbais: Por quê? É utilizado. Usa frases simples. Interage com as pessoas. Nomeia objetos, obedece a instruções simples. Brinca independente com crianças e brinquedos.</p>
4 anos	<p>Auditivas: Reconhece timbres variados com precisão.</p> <p>Musicais: É capaz de iniciar leitura musical e executar com precisão rítmica e melódica. Tem concentração para atividades difíceis. Grava e reproduz histórias e músicas.</p> <p>Verbais: Constrói frases com até seis palavras, sobre o dia, situações reais e próximas. Entende regras gramaticais e tenta usá-las. Obedece a instruções múltiplas.</p>

5 anos

Auditivas: Percebe e discrimina timbres diferentes e ao mesmo tempo.
Musicais: Lê música, improvisa, cria, canta e toca. Percebe e discrimina timbres de instrumentos musicais diferentes ao mesmo tempo. É capaz de fazer instrumentos musicais simples. Sua coordenação fina deve ser trabalhada. É capaz de praticar estudos musicais com prazer.
Verbais: Expressa sentimentos e emprega verbos: “pensar” e “lembrar”. Fala de coisas ausentes e usa palavras de ligação entre as sentenças. Realista, quer entender como o universo funciona. Cansa os pais com perguntas. Já pode falar como um adulto. Ajuda em tarefas simples.

Assim, a autora sugere que o quadro possa ser utilizado na Musicoterapia, em avaliação inicial, a fim de identificar em qual estágio do desenvolvimento o bebê ou criança com atraso se encontra, para então se delinearem os objetivos da intervenção. Além disso, com a frequente reavaliação do desenvolvimento do cliente, é possível ter em mãos um quadro de sua evolução a partir do referido tratamento. No campo da Educação Musical, o quadro demonstra sua utilidade como referência para a criação do planejamento e desenvolvimento de suas aulas.

O trabalho é um expoente na identificação de marcos audiomusicoverbais de bebês e crianças até cinco anos, servindo como guia na Musicoterapia. É ressaltado que quanto mais precoce for a exposição a estímulos musicais, maior será o desenvolvimento do bebê e da criança, e são apresentados dados sobre a audição e seu referenciamento, percepção sonora, instrumentos musicais que podem vir a ser utilizados, tessitura vocal possível para cada idade, bem como a função de seus balbucios e desenvolvimento da comunicação através da fala. Também são trazidos dados sobre o desenvolvimento da socialização, simbolismo, habilidade motora e desenvolvimento cognitivo.

MUSICOTERAPIA

Considerações finais

As três teorias do desenvolvimento musical abordadas entendem o desenvolvimento como algo único, mas também como detentor de estágios que são vivenciados mais ou menos nas mesmas idades, no caso das teorias de Bruscia e de Monteiro, e independentemente da idade do sujeito, segundo Swanwick e Tillman.

Apesar de não serem completas, e nem sempre complementares, dada a dificuldade de se estabelecer parâmetros para o desenvolvimento musical em todas as fases da vida e, ao mesmo tempo, considerar as diferenças sociais, culturais e até mesmo de acesso ao fazer musical, elas são importantes por serem pioneiras na área. Além disso, podem dar subsídios para os musicoterapeutas em seus trabalhos, seja no âmbito clínico, hospitalar, comunitário ou organizacional, pois trazem referências para avaliação e acompanhamento do processo musicoterapêutico, baseando-se não apenas em preceitos da comunicação, cognição ou motricidade, mas também considerando aqueles musicais.

Destaca-se a distância temporal entre as publicações, e também a ausência de outros autores que discutam e investiguem o desenvolvimento musical, evidenciando-se a lacuna em termos de pesquisa dentro desse assunto. Sugere-se, para pesquisas futuras, a tentativa de agregar teorias do desenvolvimento que já são consolidadas em nosso meio científico e terapêutico, para, a partir delas, construir parâmetros musicais a partir do desenvolvimento global e ecológico dos sujeitos, abrangendo todo o ciclo vital.

MUSICOTERAPIA

Referências

ASPESI, Cristina de C.; DESSEN, Maria A.; CHAGAS, Jane F. A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In: DESSEN, Maria A.; JUNIOR, Áderson L. C. (Orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2008. Capítulo 1, páginas 19-36.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 267 p., 1996.

BRUSCIA, Kenneth E. **O desenvolvimento musical como fundamentação para a terapia**. Texto info CD-R - David Aldridge, 1999. Tradução: Barcellos, Lia R., Rio de Janeiro, 1999.

CAIRNS, Robert. B. et al (Orgs.). **Developmental science**. New York: Cambridge University Press, 1996.

CAREGNATO, Caroline. Relações entre a Teoria Espiral do Desenvolvimento Musical e a Epistemologia Genética. Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas. Volume 5 Número 1 – Jan-Jul/2013.

DESSEN, Maria A.; JUNIOR, Áderson L. C. Introdução. DESSEN, Maria A.; JUNIOR, Áderson L. C. (Orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2008. Introdução, páginas 11-15.

ETTENBERGER, Mark. Music therapy in the neonatal intensive care unit: Putting the families at the centre of care. **British Journal of Music Therapy**, 1–6, 2017.

FEDERICO, Gabriel. Musicoterapia focal obstétrica. **XI Congresso Mundial de Musicoterapia**, Brisbane, Austrália 2005.

HENTSCHKE, Liane.; OLIVEIRA, Aalda. Music curriculum development and evaluation based on Swanwick's theory. **International Journal of Music Education**, 34, 14-29, 1999.

HODGES, Donald A. Music Psychology and Music Education: What's the connection? **Research Studies in Music Education**, 21, 31-44, 2003.

ISKANDAR, Amil I.; LEAL, Maria R. Sobre positivismo e educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 3, n.7, p. 89-94, set./dez. 2002.

MONTEIRO, Nydia C. C. do R. Quadro do desenvolvimento Audiomusicoverbal infantil de zero a cinco anos para a prática de Educação Musical e Musicoterapia. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XIII, n.11, 2011.

PALAZZI, A; NUNES, C. C. Contribuições da musicoterapia na uti neonatal para a interação mãe-bebê pré-termo. **Salão de Extensão** (17: 2016: Porto Alegre, RS). Caderno de resumos. Porto Alegre: UFRGS/PROEXT, 2016.

ROTHER, Edna T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, vol. 20, núm. 2, pp. v-vi, abril-junio, 2007.

SEKI, Natalie H.; GALHEIGO, Sandra M. The use of music in palliative care: humanizing care and facilitating the farewell. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.14, n.33, p.273-84, abr./jun. 2010.

SENNA, Sylvia R. C. M.; DESSEN, Maria A. Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, Vol. 28 n. 1, pp. 101-108, Jan-Mar 2012.

SIFUENTES, Thirza Reis et al. Desenvolvimento Humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 23 n. 4, pp. 379-386, Out-Dez 2007.

SWANWICK, Keith. Further research on the Musical Development Sequence. **Psychology of Music**, 19, 22-32, 1991.

SWANWICK, Keith. **Music, mind and education**. London: Routledge, 1988.

SWANWICK, Keith. **Musical knowledge: intuition, analysis and music education**. London: Routledge, 1994.

SWANWICK, Keith; TILLMAN, June. The sequence of musical development: a study of children's composition. **British Journal of Music Education**. Cambridge Journals, Cambridge. Vol. 3, p. 305-339, 1986.

Recebido em 04/02/2019
Aprovado em 29/03/2019

MUSICOTERAPIA